

Gramáticas analisadas:

Século XVI – *Gramática da linguagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira (1536)

Século XVII – *Regras da língua portuguesa, espelho da língua latina*, do Padre D. Jerônimo Contador de Argote (1725).

Século XX – *Nova gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra (1985).

Objetivo:

Mostrar como aspectos da variação lingüística portuguesa foram vislumbrados e registrados nas três gramáticas portuguesas citadas.

I. Fernão de Oliveira - *Gramática da linguagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira (1536)

(1)

(...) vem que hũas gentes formam suas vozes mais no papo como caldeus e arabigos, e outras nações cortam vozes apressando-se mais em seu falar; *mas nós falamos com grande repouso como homens assentados.* (*Grammatica*, p. 5)

(...) e nós *falamos boquicheos* com mais majestade e firmeza. (ib., p. 12)

(...) já dissemos que a *nossa lingua é mui comprida no pronunciar* das letras e sillabas. (ib., p. 29)

(...) alghuns o pronunciam conforme ao costume da *nossa lingua que é amiga d'abri-la boca.* (ib., p. 47) (Grifos nossos)

(2)

Mas que diremos destes nomes femeninos *capittoa* e *viloa* e outros com'estes, que têm o pequeno na penultima, continoando-se logo vogal sem anteposição de alghũa consoante, e mais na antepenultima têm i, o qual nós dissemos que sempre é grande? Estes nomes eu não nos pronunciaria nesta forma *cidadea, capittoa, viloa, rascoa, aldeoa*, mas pronuncia-los-ia assi: *aldeã, vilã, cidadã*. Verdade é que *rascã* e nem *capitã* não são muito usados; e contudo *zamboa* e *padoa* e quaesquer que o costume consentir, não vejo outra rezão para os escusar senão a que dei de *correia* e *lampreia*. E assi é, de feito, que *zamboa* e *padoa* e *baioa, zarvatoa* têm a antepenúltima pequena. (*Grammatica*, p. 33) (Grifos dos editores)

(3)

Mas antre nós eu não vejo alghũa vogal aspirada, se não é nestas interjeições *uha* e *aha* e nestoutras de riso *ha-ha, he*, ainda que não me parece ese bo riso português, posto que assi escreva Gil Vicente nos seus *Autos*. (*Grammatica*, p. 19) (Grifos dos editores)

(4)

E porque aqui é tempo, como de caminho quero dizer deste averbio *até*, o qual antre nós responde ao que os latinos dizem *usque*, este averbio, digo, alguns pronunciam conforme o costume da nossa lingua que é amiga d'abri-la boca; e dão-lhe aquella letra **a** que digo no começo. Mas outros lhe tiram esse *a* e não dizem *até*, mas dizem *té*, não mais, começando em **t**, antre os quaes eu contarei três não de pouco respeito na nossa lingua, antes se ha de fazer muita conta do costume de seu falar. E são estes: Garcia de Resende, em cujas obras eu li no Cancioneiro português que elle ajuntou e ajudou; e João de Barros, ao qual eu vi afirmar que isso lhe parecia bem; e a mestre Baltasar, com o qual falando lhe ouvi assi pronunciar este averbio que digo sem **a** no começo. E contudo a mi me parece o contrairo; e ao contrairo o *uso*, dando-lhe **a** no começo assi como damos a muitas dições, segundo o que fica dito. (ib., p 47) (Destaques dos editores)

(5)

No genero dos verbos não temos mais que hũa só voz acabada em **o** pequeno, como *ensino*, *amo* e *ando*, a qual serve, como digo, em todos os verbos, tirando alguns poucos como são estes: *sei*, de saber, e *vou* e *dou* e *estou* e mais o verbo substantivo, o qual huns pronunciam em **om**, como *som* e outros em **ou** como *sou*, e outros em **ão** como *são*; e também outros, que eu mais favoreço, em **o** pequeno, como *so*. No parecer da premeira pronunciação com **o** e **m**, que diz *som*, é o mui nobre João de Barros; e a razão que dá por si é esta: que de *som* mais perto vem a formação do seu plural, o qual diz *somos*. Contudo, sendo eu moço pequeno, fui criado em São Domingos d'Evora, onde faziam zombaria de mim os da terra, porque o eu assi pronunciava segundo o aprendera na Beira. (*Grammatica*, p. 72) (Grifos dos editores)

(6)

As dições usadas são estas que nos servem a cada porta (como dizem), estas, digo, que todos falam e entendem, as quaes são proprias do nosso tempo e terra. (...)

E porém, de todas ellas ou são geraes a todos, como *Deos*, *pão*, *vinho* e *terra*, ou são particulares: e esta particularidade ou se faz antre officios e tratos, como cavaleiros que têm huns vocabolos e os lavradores outros, e os cortesãos outros, e os religiosos outros, e os mecanicos outros, e os mercadores outros; ou também se faz em terras esta particularidade, porque os da Beira têm hũas falas e os d'Alentejo outras. E os homens de Estremadura são diferentes dos d'Antre Douro e Minho, porque assi como os tempos, assi também as terras criam diversas condições e conceitos. E o velho, como tem o entender mais firme com o que mais sabe, também suas falas são de peso e as do mancebo mais leves. (*Grammatica*, p. 52)

(7)

(...) porque os homens falam do que fazem; e portanto os aldeãos não sabem as falas da corte e os sapateiros não são entendidos na arte do marear, nem os lavradores d'Antre-Douraminho entendem as novas vozes que est'ano vieram de Tunes com suas gorras. (*Grammatica*, p. 43)

(8)

E assi diz Marco Varrão que a declinação natural é aquella que não obedece à vontade particular de cada hum, mas que é conforme ao comum parecer de todos; e mais não muda tão asinha, posto que o *uso* do falar tenha seu movimento, como elle diz, *e não perseverere hum mesmo antre os homens de todas as idades*. (*Grammatica*, p. 43) (Grifo nosso)

(9)

Mas não é muito de maravilhar, diz Marco Varrão, que as vozes envelheçam e as velhas alguma hora pareçam mal, porque também envelhecem os homens cujas vozes ellas são. E isto é verdade que a fremosa menenice despois de velha não é para ver. E assi como os olhos se ofendem vendo figuras que a elles não contentam, assi as orelhas não consintem a musica e vozes fora de seu tempo e costume (ib., p. 49)

(10)

E porém estas e quaesquer outras semelhanças [uso de palavras antigas como *abém*, *ajuso*, *assuso* e *hoganno*, *algorrém*] as metéremos em mão d'hũm homem velho da Beira ou aldeão, não lhe parecerão mal. (*Grammatica*, p. 50)

II. Jerônimo Contador de Argote – *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina* (1725)

(11)

Também advirto que alguns poderão estranhar a explicação, que dou a alguns pontos da Grammatica Portugueza, porém os que forem versados na lição do novo methodo dos Padres da Congregação de Portroial, e da Grammatica discursada do Padre Lami, verão que na explicação da Grammatica Portugueza observo a mesma doutrina, que elles observarão a respeyto da Latina. (Introdução)

1. A presença da variação lingüística nos capítulos doutriniais das Regras

(12)

M. E estas regras das formações, que tendes dito, faltão algumas vezes?

D. Sim, assim como nome *Mal*, que não muda o *L* no Plurar; mas forma-se por acrescentamento, e se lhe acrescenta *es*, e faz *Males*.

M. Pois como se há de saber quando faltão as taes regras?

D. **Sabe-se pelo uso; porque a lingua Portugueza he muyto dilatada, e aqui só dizemos o commum para o principiante saber depois guiarse.** (Grifamos) (*Regras*, p. 19)

(13)

M. E na língua Portuguesa há nomes de Gênero incerto?

D. Não.

M. Qual he o nome de Gênero incerto?

D. He aquella, a que **huns fazem masculino, outros feminino, assim como *Fim*, a que na Província do Minho a gente vulgar faz feminino, e diz *A fim*, a gente polida masculino, *O fim*, e he como se deve dizer.** (Grifamos) (*Regras*, p. 181)

(14)

Mestre. Que cousa he Syntaxe?

D. Syntaxe he a boa ordem, e disposição das palavras.

M. E que cousa he a boa ordem, e disposição das palavras?

D. He estarem as palavras no numero, caso, e no lugar, que lhes pertence.

M. Dizey exemplo.

D. *O Pay ama aos filhos*. Nesta Oração há boa ordem de palavras, porque todas as palavras estão no numero, caso, e lugar, que se lhes deve. Ao contrario se eu disser. *O pay aos ama*

SÉMINAIRE d'HISTOIRE & d'ÉPISTEMOLOGIE DES SCIENCES DU LANGAGE

Registres de variations linguistiques dans les grammaires du portugais - 17/03/2008

Marli Quadros LEITE (USP / CNPq – Brésil)

filhos, ou *Os Pay amão aos filho*, estão mal ordenadas as palavras, porque não estão no caso, e lugar, que deve ser. (*Regras*, p. 184)

(15)

Temos a impressão de que a concordância variável pode ser encontrada em todo o território de Portugal, tanto entre o verbo e o sujeito quanto dentro do sintagma nominal. Não são claras as razões para a falta de referências a esse fenômeno na literatura e para as intuições de nossos colegas portugueses negarem a sua existência. (id., p. 57)

(16)

M. E quantas castas ha de Syntaxe?

D. Duas.

M. Quaes são?

D. Syntaxe simples, e Syntaxe figurada.

M. Qual é a simples?

D. He a que ensina as regras de ordenar bem as palavras na ordem natural.

M. E qual he a ordem natural das palavras?

D. He que o artigo esteja antes do nome, o nominativo antes do Verbo, o caso do Verbo e depois do Verbo, que o adjectivo tenha seu substantivo, &c.

M. Dizey exemplo.

D. *Pedro ama a seu pay*. Nesta Oração as palavras estão na sua ordem natural, porque o nominativo *Pedro* está antes do Verbo *ama*, depois do Verbo está seu caso, &c. Ao contrario nesta Oração *Ama Pedro ao pay seu* as palavras não estão na ordem natural porque o nominativo *Pedro* está depois do Verbo, &c. (*Regras*, p. 185)

(17)

D. Terceyra regra. As conjunçoens, *Posto que*, *Ainda que*, *Até que*, *Quando*, *Como quer que*, e outras muytas levão o Verbo ao subjunctivo, ou ao Indicativo. A mesma regra há no Latim.

M. Dizey exemplo.

D. *Ainda que ame a meu filho, castigo-o*, ou *Ainda que amo a meu filho, castigo-o*. Nestas Oraçoens o Verbo *Ame* está no subjunctivo, e o Verbo *Amo* no Indicativo, porque tem antes de si a conjunção, *Ainda que*. (*Regras*, 234)

(18)

Mestre. Que he cousa Syntaxe figurada?

D. São as regras de dispor bem as palavras fora da ordem natural, e por figuras.

M. Que cousa he figura?

D. He o modo de fallar contra as regras de dispor as palavras fora da ordem da Syntaxe simples, porém admitido o uso.

M. Dizey exemplo.

D. *O Turco arma*. Nesta Oração o Verbo activo *Arma* não tem accusativo, contra as regras da Syntaxe simples, e assim ha figura na tal Oração, e lhe faltão as palavras *A sua gente*.

M. E quantas figuras ha na Syntaxe?

D. Muytas, mas todas se reduzem a quatro, ou cinco.

M. Quaes são?

D. *Ellipse*, que quer dizer falta. *Pleonasmo*, que quer dizer superfluidade. *Sillepse*, que quer dizer pensamento; *Hiperbaton*, q quer dizer propriedade. (*Regras*, p. 241)

(19)

Mestre. Que cousa he Hyperbaton?

D. He estarem as palavras na Oração fôra do lugar natural, e confusas, a saber, estar o Verbo antes do seu nominativo, ou depois do seu caso, &c.

M. Dizey exemplo

D. *A Pedro amo eu.* Nesta Oração as palavras estão fóra da ordem natural, porque *Pedro* he o caso do *Verbo*, está antes do *Verbo Amo*, e o *Verbo Amo* está antes do nominativo *Eu.* (Regras, p. 255)

(20)

M. Qual é a figura Synchesis?

D. He quando na Oração todas, ou muytas palavras estão fora do seu lugar natural.

M. Dizey exemplos.

D. *A Pedro amo eu.* Nesta Oração todas as palavras estão fóra do lugar natural, como acima dissemos.

M. E esta figura usa se no Portuguez?

D. No verso sim, na prosa não. No Latim em prosa, e verso se usa com mais, ou menos moderação. (Regras, p. 256-7)

(21)

M. Dizey exemplo.

D. *Esta taboa he larga dous palmos.* Nesta Oração os nomes *Dous palmos* não são regidos de ninguem, nem apparece em que caso estejaõ, e faltalhe a preposição *De.* *Esta taboa he larga de dous palmos.*

M. E esta Ellipse pôde-se usar sempre?

D. Não. Sò onde o uso introduzio se pôde usar. (Regras, p. 247)

2. A variação exógena: regras do português em contraste com as do latim

(22)

M. E neste Capitulo, que entendeis pela palavra Idiotismo?

D. *Entendo todos os modos, e termos de fallar a lingua Portugueza, que não tem conveniencia, ou semelhança com a Grammatica Latina,* ainda que os taes modos de fallar da lingua Portugueza se achem na Grammatica de outras linguas vulgares, assim como na Castelhana, Italiana, &c. (Regras, p. 258)

(23)

M. Continuai os Idiotismos dos Verbos.

D. Ha idiotismos nos tempos compostos activos, como já dissemos no Capitulo sexto da primeyra parte desta Grammatica.

M. Continuai.

D. há Idiotismos nos Infinitivos.

M. Porque?

D. **Porque na lingua Portugueza a voz do Infinitivo não pôde supprir as vozes do Indicativo;** v. g. a voz *Amar* não pode supprir o Indicativo com a particula *Que, Que amo, Que amava, Que amey, Que hey de amar, &c.* e no Latim sim.

M. Explicay isso mais.

D. **Quando dizemos no Portuguez, v.g. Pedro sabe que eu amo a seu irmão, o Verbo Amo a respeyto da lingua Portugueza esta no Indicativo, a respeyto porèm do Latim está ou no Indicativo, ou no Infinitivo, conforme querem usar.** No Portuguez cõtudo não se pôde usar da voz do Infinitivo.

(...)

D. **Há Idiotismos tambem no Infinitivo, porque na lingua Portugueza o Verbo no Infinitivo serve não só de nome, mas tem tempos, numeros, e pessoas, e no Latim o Infinitivo, posto que sirva de nome, com tudo nunca tem artigo, numeros, nem pessoas.**

M. Dizey exemplo.

D. O eu ler a miude me faz mal aos olhos. O tu leres a miude te faz mal aos olhos. O elle ler a miude, &c. O nós lermos a miude, &c. O vós lerdos a miude, &c. O elles lerem a miude &c. Nas quaes oraçoens o Verbo Ler, Leres, &c está no Infinitivo, tem artigo,

pssoas, e numeros. Da mesma forma podemos dizer no tempo preterito. O eu ter lido a miude, o tu teres lido a miude, &c. Da mesma sorte no tempo futuro. O eu haver de ler a miude. O tu haveres de ler a miude, &c. (Grifamos) (*Regras*, p. 264-66)

Regra do infinitivo

(24)

Terceyra regra. Todas as vezes que o Verbo estiver no modo Infinitivo, **há suspeyta de Idiotismo embaraçado, e assim o Mestre o não explicará ao menino.**

No fim do diálogo sobre os idiotismos, há esta conclusão:

(25)

M. E se o Mestre conhecer claramente, que não ha Idiotismo?

D. Entaõ poderá dizer a Grammatica.

M. E se o Mestre conhecer no menino boa percepção, e perspicacia, que fará?

D. Então poderá ensinar os Idiotismos mais faceis. Os muyto difficultosos porém nunca se devem ensinar, se não com grande cautela de o não confundir. (Grifamos) (*Regras*, p. 274-75)

(26)

M. E que cousa he tom?

D. **He hum certo geyto, ou diversidade de som, com que pronunciamos a mesma palavra, ou particula.**

M. Dizey exemplo.

D. *Dizme* nesta palavra a particula *Me* se pronuncia com algum geyto, ou diversidade, do que quando pomos a particula *Me*, antes do Verbo *Diz*, e pronunciamos *Me diz*. (Grifamos) (*Regras*, p. 287)

(27)

M. E quaes são as particulas, ou dicçoens Encliticas na lingua Portugueza?

D. São estas *Me, Te, Se, Lhe, Nós, Vós, Lhes*, e a meu ver tambem os relativos *O, OS, A, As*.

M. E quaes são as regras dos Encliticos?

D. São estas. **Todas as vezes que estas particulas ou pronomes *Me, Te, Se, Lhe, Nós, Vós, Lhes*, se poem logo depois do Verbo, se fazem Encliticas.** Isto he mudaõ o seu tom. (Grifamos) (*Regras*, p. 287)

(28)

M. E quando estas particulas, ou pronomes se poem antes do Verbo, são Encliticas?

D. Naõ.

M. Dizey exemplo.

D. *Pedro me he suspeyto*, onde a particula *Me*, naõ he Enclitica, porque està antes do Verbo.

M. E estes pronomes, ou particulas podem-se por antes, ou depois do Verbo?

D. **Communmente ou se põdem pôr antes, ou depois.**

M. Dizey exemplo.

D. *Tu dàslhe paõ, ou Tu lhe dàs paõ*, onde a particula *Lhe* em huma Oração está depois do Verbo *Das*, em outra está antes.

M. E quando são Encliticos os relativos *O, Os, A, As*?

D. Quando se ajuntaõ aos pronomes *Me, Te*, &c. que vem logo depois dos Verbos.

M. Dizey exemplo.

D. *Deylhos*, onde o relativo *Os* está Enclitico, porque se ajunta ao pronome *Lhe* vindo depois do Verbo *Dey*. (Grifamos) (*Regras*, p. 289)

3. A variação *endógena*: o demais dialetos *versus* o da da Estremadura

(29)

Mestre. Que quer dizer Dialecto?

D. Quer dizer modo de falar.

M. Que cousa he Dialecto?

D. **He o modo diverso de falar a mesma lingua.**

M. Dizey exemplo

D. O modo, com que falla a lingua Portugueza nas terras v.g. da Beyra, he diverso do que se falla a mesma lingua Portugueza em Lisboa porque em huma parte se usa de humas palavras, e pronuncia, e em outra parate se usa de outras palavras, e outra pronuncia, não em todas as palavras, mas em algumas. Esta diversidade pois de fallar, que observa a gente da mesma lingua, he que se chama Dialecto. (Grifamos) (*Regras*, p. 291-92)

(30)

M. E quantas castas há de Dialectos?

D. **Muytas, mas as principaes são tres.**

M. Quaes são?

D. **Dialectos locaes**, e **Dialectos de tempo**, e Dialectos de profissaõ. (Grifamos) (*Regras*, p. 292)

III. Celso Cunha & Lindley Cintra - *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (1985)

1. Os fundamentos da Nova Gramática do Português Contemporâneo

(31)

sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos”. (p.1); “uma língua histórica não é um sistema lingüístico unitário, mas um conjunto de sistemas lingüísticos, isto é, um DIASISTEMA, no qual se inter-relacionam diversos sistemas e sub-sistemas.” (p. 2-3); “uma língua apresenta três tipos de diferenças internas, que podem ser mais ou menos profundas: 1º) diferenças no espaço geográfico, ou VARIAÇÕES DIATÓPICAS (falares locais, variantes regionais e, até, intercontinentais); 2º) diferenças entre as camadas socioculturais, ou VARIAÇÕES DIASTRÁTICAS (nível culto, língua padrão, nível popular, etc.); 3º) diferenças entre os tipos de modalidade expressiva, ou VARIAÇÕES DIAFÁSICAS (língua falada, língua escrita, língua literária, linguagens especiais, linguagem dos homens, linguagem das mulheres, etc.).

(32)

Todas as variedades lingüísticas são estruturadas e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades dos seus usuários. Mas o fato de estar a língua fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades diatópicas, diastráticas e diafásicas. A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal lingüístico de uma comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação. (p. 3).

(33)

É justamente para chegarem a um conceito mais preciso de ‘correção’ em cada idioma que os lingüistas atuais vêm tentando estabelecer métodos que possibilitem a descrição minuciosa de suas variedades cultas, seja na forma falada, seja na escrita. Sem investigações pacientes, sem métodos descritivos aperfeiçoados nunca alcançaremos determinar o que, no domínio de nossa língua ou de uma área dela, é de emprego obrigatório, o que é facultativo, o que é aceitável, o que é grosseiro, o que é inadmissível; ou, em termos radicais, o que é e o que não é correto.” (p.8)

2. A colocação dos pronomes na NGPC

(34)

4. Na *fala vulgar e familiar* do Brasil é muito freqüente o uso do pronome ele(s), ela(s) como objeto direto em frases do tipo:

Vi **ele**. Encontrei **ela**.

Embora essa construção tenha raízes antigas no idioma, pois se documenta em escritores portugueses dos séculos XII e XIV, *deve ser hoje evitada*.

(O itálico é nosso) (p. 281)

(35)

FÓRMULAS DE REPRESENTAÇÃO DA 1ª PESSOA

No *colóquio normal* emprega-se a *gente* por *nós*, e, também, por *eu*: (p. 288)

Houve um momento entre nós

Em que a gente não falou. (F. Pessoa, QGP, nº 270)

- *Não culpes mais o Barbaças, compadre!* A gente só queria gastar um bocadito de dinheiro. (F. Namora, TJ, 165.)

- Você não calcula o que é *a gente* ser perseguida pelos homens. Todos me olham como se quisessem devorar-me. (C. dos Anjos, DR, 41)

(36)

Observação: (p. 290)¹

Do cruzamento das duas construções perfeitamente corretas:

Isto não é trabalho **para eu fazer**

Isto não é trabalho **para mim,**

surgiu uma terceira:

Isto não é trabalho **para mim fazer,**

em que o sujeito do verbo no infinitivo assume a forma oblíqua.

¹ Nesse caso, o texto da *Gramática portuguesa* (1971) foi completamente alterado. O que mostra a mudança de atitude do autor (Celso Cunha, mas com a concordância de Lindley Cintra). No texto de 1971 o autor dizia: “Compre evitar-se uma incorreção muito generalizada, que consiste em dar forma oblíqua ao sujeito do verbo infinitivo.”

A construção parece desconhecida em Portugal, mas no Brasil ela é muito generalizada na língua familiar, apesar do sistemático combate que lhe movem os gramáticos e os professores do idioma. (Pontilhamos)

(38)

Observações: (p. 300)

1.^a As combinações lho, lha (equivalentes a lhes + o, lhes + a) e lhos, lhas equivalentes a lhes + os, lhes + as) encontram sua explicação no fato de que na língua antiga a forma lhe (sem o –s) ser empregada tanto para o singular como para o plural. Originariamente eram, pois, contrações em tudo normais.

2.^a *no Brasil, quase não se usam as combinações mo, to, no-lo, vo-lo, etc. Da língua corrente estão de todo banidas e, mesmo na linguagem literária, só aparecem geralmente em escritores um tanto artificiais.* (Grifo do autor)

(39)

A COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS NO BRASIL (p. 307)

A colocação dos pronomes átonos no Brasil, principalmente no colóquio normal, difere da atual colocação portuguesa e encontra, em alguns casos, similar na língua medieval e clássica.

Podem-se considerar como características do português do Brasil e, também, do português falado nas Repúblicas africanas:

a) a possibilidade de iniciarem frases com tais pronomes, especialmente com a forma me:

- **Me desculpe** se falei demais. (É. Veríssimo, A, II, 487)

Me arrepio todo... (Luandino Vieira, NM, 138)

b) a preferência pela próclise nas orações absolutas, principais e coordenadas principiadas por palavra que exija ou aconselhe tal colocação:

- Se Vossa Reverendíssima me permite, **eu me sento** na rede. (J. Montello, TSL, 176)

O usineiro nos entregava o açúcar pelo preço do dia, pagava a comissão e armazenagem e nós especulávamos para as praças do Rio e São Paulo. (J. Lins do Rego, U, 251)

- A sua prima Júlia, do Golungo, **lhe mandou** um cacho de bananas. (Luandino Vieira, NM, 54)

c) próclise ao verbo principal nas locuções verbais:

Será que o pai **não ia se dar** ao respeito? (Autran Dourado, SA, 68)

- Não, não sabes e **não posso te dizer** mais, já que não me ouves. (Luandino Vieira, NM, 46)

Outro teria **se metido** no meio do povo, teria terminado com aquela miséria, sem sangue. (J. Lins do Rego, U, 222)

Tudo ia **se escurecendo**. (J. Lins do Rego, U, 338)
(O pontilhado é nosso)

Justificando essa última colocação, escreve Martins de Aguiar:

‘Numa frase como *ele vem-me ver*, geral em Portugal, literária no Brasil, o fator lógico deslocou o pronome *me* do verbo *vem*, para adjudicá-lo ao verbo *ver*, por ser ele determinante, objeto direto, do segundo e, não, do primeiro. Isto é: deixou a língua falada no Brasil de dizer *vem-me ver* (fator histórico por ser mera continuação do esquema geral português), para dizer *vem me-ver*, que, também vigia na língua, ligando-se o pronome ao verbo que o rege (fator lógico). Esta colocação de tal maneira se estabilizou, que pouco se diz *vem ver-me* e trouxe conseqüências imprevistas:

1ª) Pôde-se juntar o pronome ao particípio procliticamente: Aqueles *haviam se-corrompido*.

2ª) Pôde-se pôr o pronome depois dos futuros (do presente e do passado): *Poderá se-reduzir, poderia se-reduzir*. Deixando de ligar-se aos futuros, para unir-se ao infinitivo, deixou igualmente de interpor-se aos elementos constitutivos.

3ª) Em frases como *vamo-nos encontrar*, deixando o pronome de pospor-se à forma verbal pura, para antepor-se à nominal, deixou igualmente de determinar a dissimilação das sílabas parafônicas, podendo-se então dizer *vamos nos-encontrar*.’

A colocação de pronomes átonos no Brasil difere apreciavelmente da atual colocação portuguesa e encontra, em alguns casos, similar na língua medieval e clássica.

Em Portugal, esses pronomes se tornaram extremamente átonos, em virtude do relaxamento e ensurdecimento de sua vogal. Já no Brasil, embora os chamemos **átonos**, são eles, eles, em verdade, **semitônicos**. E essa maior nitidez de pronúncia, aliada a particularidades de entoação e a outros fatores (de ordem lógica, psicológica, estética, histórica, etc.), possibilita-lhes uma grande variabilidade de posição na frase, que contrasta com a colocação mais rígida que têm no português europeu.

Infelizmente, certos gramáticos nossos, esquecidos de que esta variabilidade posicional, em tudo legítima, representa uma inestimável riqueza idiomática, preconizam, no particular, a obediência cega às atuais normas portuguesas, sendo mesmo inflexíveis no exigirem o cumprimento de algumas delas, que violentam duramente a realidade lingüística brasileira.

Dentre essas regras arbitrárias e dogmáticas, a mais conhecida (e, também, a mais infringida no falar normal do Brasil) é a que nos obriga a não começar *frases com pronomes átonos*.

Com relação à condenada próclise de pronome átono ao verbo principal de locuções verbais, convém meditar nestas agudas observações do professor Martinz de Aguiar: (...)

Fontes

ARGOTE, Jeronimo Contador de. (1725). *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina*: ou disposiçaõ para facilitar o ensino da lingua latina pelas regras da portugueza. 2ª impressão. Lisboa : Officina da Musica.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira.

_____ (1971). *Gramática moderna*. 3. ed. Belo Horizonte : Bernardo Álvares.

SÉMINAIRE d'HISTOIRE & d'ÉPISTEMOLOGIE DES SCIENCES DU LANGAGE

Registres de variations linguistiques dans les grammaires du portugais - 17/03/2008

Marli Quadros LEITE (USP / CNPq – Brésil)

OLIVEIRA, Fernão de. (2000). *Gramática da linguagem portuguesa*. Edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção. Lisboa : Academia das Ciências de Lisboa.